

Brasil e França - passividade é culpada pelo escândalo do ouro ilegal na Guiana

Em 26 de junho de 2012, dois militares franceses envolvidos em uma operação e segurança no sul da Guiana Francesa foram mortos a tiros por uma quadrilha ligada à exploração ilegal de ouro.

Este evento dramático, considerado uma declaração de “guerra do ouro”, é na verdade resultado de uma degradação progressiva de um conflito. De fato, apesar das operações de vigilância no território europeu da Guiana Francesa (operações Anaconda e Harpia), apesar do desmante midiático de vilarejos clandestinos, a situação em campo não deixou de piorar. Só no Parque Amazônico da Guiana, o número de garimpos ilegais ativos não pára de crescer desde março de 2012 e, mesmo assim, o Governo da Guiana optou por não reconhecer a gravidade desse flagelo.

O saque de ouro em grande escala se apóia no uso massivo de mercúrio, usado para amalgamar o mineral, mas depois se disseminando no ambiente e cadeias alimentares. Na região alta do Rio Maroni, um terço dos habitantes de comunidades locais sofre com a contaminação por mercúrio acima dos limites estipulados pela Organização Mundial da Saúde: o envenenamento crônico se soma às mortes violentas.

Por que essa situação se perpetua? Quantas novas mortes ainda acontecerão pela “guerra do ouro” e frente à apatia quase generalizada?

O fenômeno da exploração ilegal de ouro é antigo, completo e envolve inúmeros fatores sociais em ambos os lados da fronteira franco-brasileira. Desde a última crise monetária mundial, o ouro ilegal criou uma economia específica, da qual dependem hoje dezenas de milhares de pessoas na zona de fronteira.

Nenhuma solução duradoura poderá ser encontrada sem uma mobilização bilateral efetiva, implicando esforços conjuntos do Brasil e da França. É isso o que prevê o acordo bilateral específico “entre o Governo da República Francesa e o Governo da República Federativa do Brasil na luta contra a exploração ilegal de ouro nas áreas protegidas ou de interesse patrimonial”: assinado em 2008 e até hoje não ratificado pelo Congresso Brasileiro.

Um ano depois da declaração da “guerra do ouro”, os signatários desta carta aberta lamentam amargamente a ausência total de avanços para solução desta situação, apesar de perfeitamente conhecida. Frente a tal escândalo socioambiental, a prevista inauguração da ponte sobre o Rio Oiapoque, que deveria reunir fraternalmente às suas margens franceses e brasileiros, poderá reacender tensões já bastante fortes. E faltando um ano para a abertura da Copa do Mundo de Futebol no Brasil, é a imagem deste país que se desgasta na cena européia.